

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 5 – Política e Economia da Informação

DESINFORMAÇÃO E RUPTURA: O PAPEL DO TELEGRAM NO 8 DE JANEIRO

DISINFORMATION AND RUPTURE: THE ROLE OF TELEGRAM ON JANUARY 8TH

Camilla Machuy – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: este trabalho analisa a atuação de grupos conspiracionistas no Telegram na mobilização para os ataques de 8 de janeiro de 2023, em Brasília. A pesquisa parte da ascensão do bolsonarismo e do uso estratégico das redes digitais para disseminação de desinformação e reforço de narrativas antidemocráticas. A metodologia inclui a coleta de dados por meio de raspagem de 205 grupos públicos no Telegram, entre 30 de dezembro de 2022 e 8 de janeiro de 2023, totalizando mais de 500 mil mensagens. Foram utilizadas técnicas de Análise Exploratória de Dados (EDA) e Processamento de Linguagem Natural (PLN) para examinar padrões discursivos e dinâmicas de circulação de conteúdos. Os resultados indicam que a estrutura das redes no Telegram favoreceu a rápida difusão de mensagens golpistas, reforçando demandas por intervenção militar e narrativas de fraude eleitoral. As considerações finais destacam a importância de compreender o papel das plataformas digitais na organização de movimentos antidemocráticos e a necessidade de estratégias de mitigação para futuros riscos.

Palavras-chave: desinformação; Telegram; ataques de 8 de janeiro.

Abstract: this paper analyzes the role of conspiracy-driven groups on Telegram in mobilizing the January 8th, 2023 attacks in Brasília. The research examines the rise of Bolsonaroism and the strategic use of digital networks to spread disinformation and reinforce anti-democratic narratives. The objective is to understand how Telegram's specific features enhanced radicalization and the organization of violent actions. The methodology involved scraping data from 205 public Telegram groups between December 30, 2022, and January 8, 2023, totaling over 500,000 messages. Techniques from Exploratory Data Analysis (EDA) and Natural Language Processing (NLP) were applied to identify discourse patterns and content circulation dynamics. Results show that Telegram's network structures enabled the rapid dissemination of coup-related messages, reinforcing demands for military intervention and narratives of electoral fraud. Final considerations highlight the critical role of digital platforms in organizing anti-democratic movements and the importance of developing strategies to mitigate future risks.

Keywords: disinformation; Telegram; January 8th attacks in Brasilia.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo mostrar como a extrema-direita usa grupos em aplicativos de mensagens instantâneas para organizar ações, espalhar desinformação e

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

mobilizar apoiadores. Para isso, foi construído um banco de dados a partir da raspagem de mais de 500 mil mensagens publicadas em 205 grupos no Telegram, no período entre 30 de outubro de 2022, data do segundo turno das eleições presidenciais, e 9 de janeiro de 2023, um dia após os ataques às sedes dos Três Poderes em Brasília. A análise busca entender como essas mensagens circularam, quais estratégias de engajamento foram usadas e que discursos predominaram nesses espaços. O presente trabalho é um recorte de uma tese de doutorado recentemente concluída, que investigou os usos políticos do aplicativo Telegram pela extrema-direita no Brasil. O objetivo é compartilhar parte dos resultados obtidos e contribuir para o debate acadêmico sobre desinformação, radicalização digital e comunicação política em ambientes digitais.

Para compreender o contexto em que esses grupos se fortaleceram e passaram a exercer papel central na articulação política da extrema-direita, é necessário voltar ao cenário eleitoral de 2018. A eleição de Jair Bolsonaro revelou ao mundo como o uso estratégico das redes sociais se tornou uma vantagem decisiva nas campanhas políticas brasileiras. Sua vitória, no entanto, não foi totalmente surpreendente: ela ecoava os mesmos movimentos políticos que já vinham ganhando força em outras partes do mundo, como a vitória de Donald Trump nos Estados Unidos e a aprovação do Brexit no Reino Unido, ambos em 2016. Esses eventos compartilharam características comuns, como o avanço do populismo de direita, o apelo antissistema e o uso intenso da desinformação como ferramenta política (Benkler; Faris; Robert, 2018; Dunt, 2016; Wylie, 2019)

No caso brasileiro, a ascensão do ultraconservadorismo foi resultado de um processo mais amplo e anterior, que teve como um de seus marcos centrais os protestos de junho de 2013 (Nobre, 2022). Inicialmente motivadas pelo aumento das tarifas do transporte público, as manifestações logo incorporaram uma multiplicidade de pautas e se transformaram em um movimento difuso de contestação política. Nesse contexto, ganhou força o discurso antipartidário, especialmente contra o Partido dos Trabalhadores (PT), cujo impacto mais direto foi o impeachment da presidente Dilma Rousseff, em 2015, e o fortalecimento do antipetismo como um sentimento político estruturante (Alonso; Mische, 2016; Fuks; Ribeiro; Borba, 2021).

Foi justamente nesse ambiente de polarização e rejeição ao sistema político tradicional que Jair Bolsonaro, ex-militar e com mais de três décadas de atuação parlamentar, conseguiu se projetar como um candidato outsider. Embora fizesse parte da política institucional há

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

anos, ele construiu uma imagem de rompimento com a ordem estabelecida, o que favoreceu sua popularidade entre eleitores desencantados com os partidos tradicionais. Sua campanha de 2018 foi marcada por um forte apelo antissistema e pelo uso intensivo de desinformação, elementos decisivos para sua vitória (Cesarino, 2022; Pinheiro-Machado, 2019; Rocha; Solano; Medeiros, 2021).

Durante a pandemia de Covid-19, essa postura se manteve, agora direcionada à área da saúde pública. Seu governo promoveu desinformação científica de maneira sistemática. Um dos casos mais emblemáticos foi a defesa da hidroxicloroquina como tratamento eficaz contra o vírus, apesar da falta de comprovação científica (Casarões; Magalhães, 2021). Além disso, Bolsonaro desestimulou o uso de máscaras, criticou o isolamento social, se opôs a medidas de lockdown e lançou suspeitas infundadas sobre a segurança das vacinas, chegando a sugerir, sem qualquer base científica, que a imunização poderia causar AIDS¹. Até o ano de 2022, final de seu mandato, o Brasil registrava mais de 700 mil mortes pela doença². Derrotado por uma margem estreita, Jair Bolsonaro foi derrotado por Luiz Inácio Lula da Silva³, que assumiu seu terceiro mandato como presidente do Brasil.

Mesmo após a apuração, Bolsonaro se recusou a reconhecer o resultado das urnas, lançando suspeitas sobre o sistema eletrônico de votação. Contudo, não apresentou qualquer prova concreta que sustentasse suas alegações de fraude⁴. A recusa em aceitar a derrota e a insistência em questionamentos sobre a legitimidade do processo eleitoral alimentaram um clima de instabilidade política e desconfiança institucional, que se intensificou nas semanas seguintes. Esse ambiente de contestação desembocou nos ataques de 8 de janeiro de 2023, quando milhares de apoiadores bolsonaristas invadiram e depredaram o Congresso Nacional, o Supremo Tribunal Federal e o Palácio do Planalto, em Brasília.

Os resultados apresentados neste trabalho mostram que, após a derrota eleitoral, a extrema-direita se reorganizou rapidamente nos espaços digitais. Os grupos analisados foram

¹ Como visto em reportagem da BBC “Bolsonaro: Brazilian Supreme Court opens investigation into vaccine comments”. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-59528857>. Acesso: 20 mai. 2025.

² Gráfico do Our World in Data, compilado pela Universidade de Oxford: Disponível em: <https://ourworldindata.org/coronavirus/country/brazil#what-is-the-cumulative-number-of-confirmed-deaths>. Acesso: 20 maio 2025

³ Disponível no site do Tribunal Superior Eleitoral “Lula é eleito novamente presidente da República do Brasil” Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/lula-e-eleito-novamente-presidente-da-republica-do-brasil>. Acesso: 19 mar. 2024.

⁴ Como visto em reportagem da BBC “Bolsonaro party challenges Brazil election result”. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-63724713> Acesso em: 25 maio 2023.

usados para mobilizar apoiadores, provocar emoções fortes e reforçar laços afetivos. As mensagens buscavam direcionar a interpretação dos fatos de acordo com os interesses do grupo. Mesmo sem provas das alegações de fraude, houve um esforço contínuo para influenciar a percepção dos seguidores, manter o engajamento e estimular ações coordenadas.

O fenômeno da desinformação política, intensificado pelas redes digitais, tem sido objeto de crescente interesse acadêmico (Bezerra, 2024; Recuero; Soares; Vinhas, 2019; Rego, 2025; Schneider, 2022). No caso brasileiro, a maior parte dos estudos concentra-se no WhatsApp, enquanto o Telegram, apesar de sua relevância crescente, permanece relativamente subexplorado. Diferente do WhatsApp, o Telegram permite visualizar a origem de mensagens encaminhadas e facilita a adesão a novos grupos, criando um ambiente no qual usuários rapidamente se imergem em espaços ideológicos extremos. Tal dinâmica favorece o chamado "efeito *rabbit hole*" (Govers *et al.*, 2023), em que a exposição a conteúdos radicais aprofunda progressivamente o engajamento e a adesão a crenças extremistas.

Brisola e Bezerra (2018) que entendem que a desinformação:

é um conceito antigo que nasce ligado a projetos militares de contrainformação e espionagem, mas extrapola para os meios de comunicação e para aparelhos privados e estatais. A desinformação pode estar presente em livros de história ou em discursos políticos, em histórias em quadrinhos ou em jornais de ampla circulação (Brisola; Bezerra, p. 3321, 2018).

Segundo Ramonet, para entender o problema é necessário

examinar um fenômeno muito mais amplo: a crise global das sociedades que está sendo provocada pelo novo sistema desinformativo das redes sociais. Ou seja, os efeitos na governabilidade política da progressiva conversão das mentalidades ao culto da mentira (Ramonet, 2022, p. 27, tradução nossa).

Schneider conceitua o fenômeno como desinformação digital em rede (DDR):

É importante marcar esta especificidade do fenômeno. Porque o custo relativamente baixo de suas operações em comparação com a mídia tradicional (1), seu alcance imenso e customizado (2), somado à escassa e difícil regulação dessas ações em termos técnicos e jurídicos (3) favoreceram a que a DDR se convertesse, em quase toda parte, num elemento muito influente da superestrutura ideológica emergente no âmbito da infraestrutura das redes digitais e, ao mesmo tempo, em investimento (marginal?) na mesma. Essa infraestrutura, por sua vez, é um precioso produto e propriedade da fração principal do grande capital de hoje (acoplada ao financeiro, o armamentista, o farmacêutico e o energético) (Schneider, 2022, p. 15).

Seja desinformação ou DDR, as relações com as verdades e mentiras midiáticas se relacionam diretamente com a perspectiva da confiança. Isso torna possível uma melhor

compreensão do motivo pelo qual notícias falsas ou *fake news*, por mais absurdas ou ridículas que possam parecer, são facilmente propagadas e acreditadas por inúmeros grupos. Confiar e desconfiar faz parte do jogo midiático digital. A existência simultânea de confiança e desconfiança não abala a estrutura predominante das mídias. Principalmente nas mídias sociais, essas estruturas sociais são caracterizadas por debates e não por uma perspectiva unilateral universal. No entanto, é dentro dessas divergências que surgem as notícias falsas. É a partir do aproveitamento deste contexto que há espaço para a disseminação de falsidades em larga escala com intencionalidade, de maneira direcional e planejada.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para investigar como a extrema-direita se reorganizou e atuou digitalmente após a derrota eleitoral de 2022, foi construído um banco de dados a partir da coleta automatizada de mais de 500 mil mensagens publicadas em 205 grupos públicos do Telegram. As mensagens foram raspadas entre os dias 30 de outubro de 2022 e 9 de janeiro de 2023, período que compreende desde o segundo turno das eleições até o dia seguinte aos ataques às sedes dos Três Poderes, em Brasília.

A coleta de dados foi feita com a ajuda de uma ferramenta de código aberto criada para extrair informações de grupos e canais do Telegram. Essa ferramenta, chamada *TelegramScrap*, coleta e organiza dados como o conteúdo das mensagens, quem escreveu, quantas visualizações e reações teve, além de comentários e links compartilhados. Isso ajuda a entender melhor como as informações circulam nesses grupos.

A ferramenta *TelegramScrap* propõe uma solução para a extração, organização e análise de dados de canais e grupos do Telegram, atendendo à demanda por ferramentas para navegar por plataformas digitais. Ao integrar funcionalidades intuitivas, a ferramenta conecta a disponibilidade de dados brutos a insights acionáveis. Ela capacita pesquisadores, jornalistas e analistas a explorar comportamentos digitais complexos, acompanhar campanhas de desinformação e investigar padrões temáticos em comunidades online (Silva, 2024, p. 32).

A metodologia adotada combinou Análise Exploratória de Dados (AED) e técnicas de Processamento de Linguagem Natural (PLN), permitindo examinar tanto a dinâmica quantitativa de uso dos grupos quanto os conteúdos e padrões discursivos compartilhados. A análise exploratória de dados (AED) é um processo fundamental em estudos que lidam com grandes volumes de informação, permitindo a identificação de padrões e tendências (Tukey,

1977). A AED possibilitou identificar volume de publicações, momentos de pico, níveis de engajamento e distribuição das mensagens ao longo do tempo. Já o uso de PLN permitiu explorar recorrências textuais, termos mais frequentes, relações entre palavras e estratégias de mobilização empregadas nas mensagens. Esse procedimento envolve a inspeção inicial do banco de dados, a limpeza de informações inconsistentes e a aplicação de visualizações gráficas e estatísticas descritivas para melhor compreensão do conjunto de dados. Segundo Wickham e Grolemund (2019, p. 81):

A AED não é um processo com um conjunto de regras rígidas. Mais do que qualquer coisa, é um estado de espírito. Durante as fases iniciais, você deve sentir-se livre para investigar cada ideia que lhe ocorra. Algumas dessas ideias darão resultado, e outras te levarão a becos sem saída. À medida que sua exploração segue, você se direcionará para algumas áreas particularmente produtivas que, por fim, escreverá e comunicará aos outros (Wickham; Grolemund, 2019. p. 81).

Processamento de Linguagem Natural (PLN) refere-se ao conjunto de técnicas computacionais voltadas para a análise, manipulação e geração autônoma de textos. Como descrito por Grus (2021), essas técnicas possibilitam a extração de padrões linguísticos e a modelagem de discursos a partir de grandes volumes de dados textuais.

O Processamento de Linguagem Natural (PLN) é importante por razões científicas, econômicas, sociais e culturais. O campo está passando por um crescimento acelerado à medida que suas teorias e métodos são aplicados em uma variedade de novas tecnologias de linguagem. Por essa razão, é essencial que um amplo público tenha conhecimento prático sobre PLN. [...] No meio acadêmico, abrange áreas que vão desde a computação aplicada às humanidades e a linguística de corpus até a ciência da computação e a inteligência artificial. Para muitas pessoas na academia, o PLN é conhecido pelo nome de "Linguística Computacional". (Bird; Klein; Loper, 2009. p. x)

Além disso, o banco analisado inclui tanto informações estruturadas (como datas, visualizações e reações) quanto dados textuais mais complexos, o que exigiu o uso de ferramentas capazes de lidar com bases semiestruturadas. Essa abordagem mista foi essencial para compreender o funcionamento dos grupos analisados e os mecanismos de articulação política digital observados no período.

Nesse sentido, o Processamento de Linguagem Natural teve um papel fundamental. Por meio dele, foi possível investigar de forma mais aprofundada o conteúdo das mensagens, identificando padrões discursivos e expressões recorrentes. Foram criadas bigramas, ou seja, pares de palavras que aparecem com frequência, como “intervenção militar” ou “fraude

eleitoral”. Essas combinações ajudaram a revelar as principais narrativas compartilhadas nos grupos e a forma como essas mensagens reforçavam ideias de ruptura institucional.

2.1 Ética dos dados

A pesquisa foi conduzida com base em princípios éticos voltados à proteção dos dados coletados. Todas as informações tratadas ao longo do estudo seguiram as orientações da Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD), conforme descrito no documento Tratamento de dados pessoais para fins acadêmicos e para a realização de estudos e pesquisas, que estabelece que:

para fins de estudos e pesquisas realizados em todas as áreas do conhecimento, os agentes de tratamento devem adotar medidas protetivas necessárias e adequadas para a mitigação de riscos aos titulares dos dados pessoais – a exemplo da anonimização e da pseudonimização. Também, deverão ser adotadas medidas jurídicas apropriadas e proporcionais aos riscos envolvidos (Vargas *et al.*, 2023, p.16)

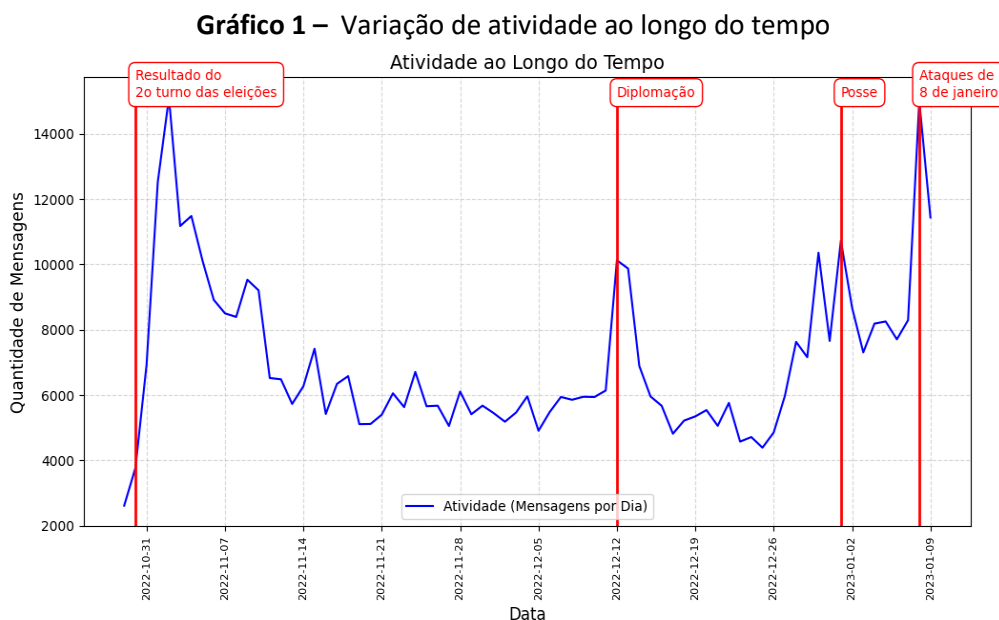
Levando em consideração a natureza sensível das informações presentes no banco de dados, como nomes de usuários, identificadores numéricos, telefones e outros metadados que poderiam levar à identificação de indivíduos, optou-se por não disponibilizar publicamente o material consolidado. Essa decisão busca proteger a identidade dos participantes indiretos da pesquisa e garantir a segurança da pesquisadora. Além disso, como medida adicional de precaução, os dados foram armazenados em um dispositivo externo sem acesso à internet, minimizando o risco de acessos não autorizados e vazamentos.

Além desses cuidados, é importante entender que a desinformação não depende apenas da circulação de notícias falsas, mas também do uso indevido de dados pessoais. A forma como os dados são coletados, organizados e usados influencia diretamente os processos de manipulação política. Zuboff (2019) explica que a extração invisível e em larga escala de dados cria novas formas de poder e ameaça a democracia. Braman (2006) mostra como políticas de informação moldam o funcionamento da sociedade e afetam diretamente a liberdade e os direitos dos cidadãos. Para González de Gómez (2005), a informação é sempre atravessada por valores e disputas de poder, e por isso deve ser tratada com responsabilidade. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (UNDP, 2023) também alerta que proteger a integridade da informação é essencial para garantir o funcionamento das instituições democráticas. Por isso, refletir sobre a ética dos dados é parte importante no combate à desinformação. Garantir que a coleta e a análise dos dados respeitem princípios

éticos ajuda a evitar que a própria pesquisa reproduza práticas de controle, vigilância ou manipulação que sustentam os ambientes digitais de radicalização.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos dados mostra padrões de interação e concentração de atividade nos grupos investigados. Esses padrões, no entanto, só fazem sentido quando relacionados ao contexto político que influenciou essas dinâmicas. O período estudado está ligado ao fim das eleições presidenciais de 2022 e ao ciclo de mobilização digital que culminou nos ataques de 8 de janeiro de 2023. Neste recorte, o foco é mostrar como a atividade dos grupos acompanhou os principais acontecimentos políticos.



Fonte: elaboração da autora, 2025.

A análise temporal, representada no gráfico 1, revela quatro picos distintos de atividade digital, os quais orientaram os recortes analíticos desta pesquisa. Esses picos coincidem com eventos políticos cruciais: o resultado do segundo turno das eleições (30/10/2022), a diplomação de Lula (12/12/2022), a posse presidencial (01/01/2023) e os ataques golpistas de 8 de janeiro (08/01/2023). O expressivo aumento no volume de mensagens nesses momentos evidencia a relação direta entre esses marcos políticos e a intensificação da mobilização digital nos grupos analisados.

O primeiro pico de atividade ocorre logo após o anúncio do resultado do segundo turno das eleições, em 30 de outubro de 2022, refletindo uma resposta imediata e uma forte

mobilização digital voltada à contestação do processo eleitoral. O auge do volume de mensagens, no entanto, se dá em 2 de novembro, data marcada pelo início dos acampamentos bolsonaristas em frente a quartéis militares⁵. É importante destacar que, segundo o relatório da Polícia Federal que indiciou Jair Bolsonaro e outros 36 membros de seu governo por tentativa de golpe de Estado, o dia 1º de novembro foi caracterizado por uma mobilização intensa com o objetivo de encontrar supostas evidências de fraude nas urnas eletrônicas. Durante o período pós-eleitoral, aliados do então presidente e membros das Forças Armadas ligados ao governo realizaram inspeções no código-fonte das urnas, que, apesar de não revelarem qualquer irregularidade, foram instrumentalizadas para sustentar narrativas falsas em veículos de mídia de extrema-direita e nos grupos analisados no Telegram. Essas narrativas alimentaram teorias conspiratórias sobre o sistema eleitoral, servindo de base para manifestações antidemocráticas (Brasil, 2024).

Após esse pico inicial de mensagens, observa-se uma queda gradual na atividade, que volta a crescer de forma significativa às vésperas da diplomação de Lula, em dezembro, revelando uma nova fase de contestação. Esse padrão se repete no momento da posse, em janeiro, quando o volume de mensagens aumenta novamente, indicando que os grupos acompanharam de perto os marcos da transição de governo. O último e mais alarmante pico ocorre nos dias que antecedem e sucedem os ataques de 8 de janeiro, consolidando a correlação entre os eventos políticos e a intensificação da mobilização nesses espaços digitais.

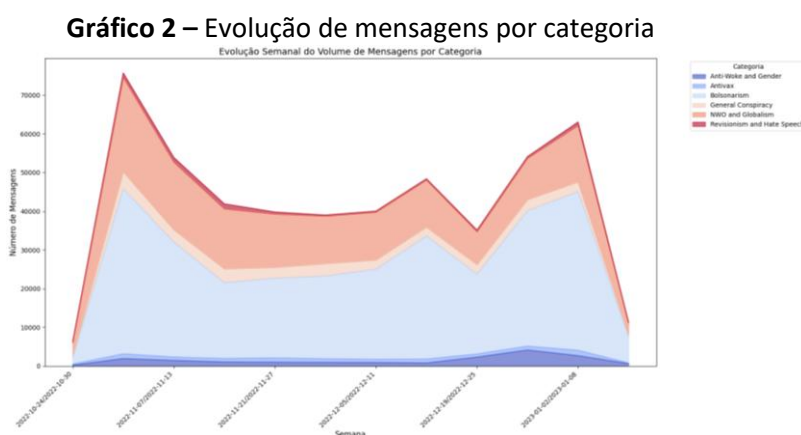
Diante do volume expressivo de mensagens, foi necessário organizar os 205 grupos analisados em blocos temáticos para tornar possível uma leitura mais precisa das dinâmicas discursivas. As seis categorias definidas (*Antivax*, *Anti-woke and Gender*, *Bolsonarism*, *General Conspiracies*, *NWO and Globalism*, and *Revisionism and Hate Speech*) são resultado de um processo de observação e vivência nesses grupos. Os nomes foram vertidos para inglês para garantir compatibilidade com bibliotecas de análise de dados, que podem apresentar problemas com caracteres especiais, e para evitar erros na leitura e processamento em diferentes ferramentas.

Cada categoria representa um eixo discursivo predominante nos grupos analisados: *Antivax* reúne conteúdos contrários à vacinação e ligados ao negacionismo científico; *Anti-*

⁵ Como visto na reportagem: “Prints, fotos e vídeos: veja a cronologia da tentativa de golpe de Estado”, do G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/11/23/prints-fotos-e-videos-veja-a-cronologia-da-tentativa-de-golpe-de-estado.ghtml>. Acesso: 09 mar 2025.

woke and Gender engloba discursos reacionários contra pautas identitárias e de direitos sociais; *Bolsonarism* concentra a defesa direta de Jair Bolsonaro e a promoção de sua agenda política; *General Conspiracy* abrange teorias diversas, como terraplanismo e negacionismo climático; *NWO and Globalism* foca em teorias da conspiração sobre uma suposta dominação global por elites e organizações internacionais; e *Revisionism and Hate Speech* inclui conteúdos neonazistas, supremacistas e revisionistas históricos.

A categorização dos grupos também permitiu observar a evolução semanal do volume de mensagens por temática, como ilustrado no gráfico a seguir. O gráfico abaixo mostra o peso relativo de cada categoria ao longo do tempo. É possível perceber que os períodos com mais mensagens coincidem com os eventos políticos já mencionados, o que reforça a ideia de que a atividade nesses grupos responde diretamente a acontecimentos externos. Por isso, foi importante separar a análise da categoria *Bolsonarism*, que domina a maior parte das interações, das demais categorias. Essa divisão permite entender melhor como diferentes tipos de discursos conspiratórios se conectam e ganham força nos momentos de maior mobilização. Essa combinação entre uma categoria dominante (*Bolsonarism*) e outras que se ativam em momentos estratégicos reforça a ideia de que o ecossistema conspiratório é interconectado e altamente responsivo, com diferentes discursos se sobrepondo e alimentando a radicalização digital conforme o contexto.

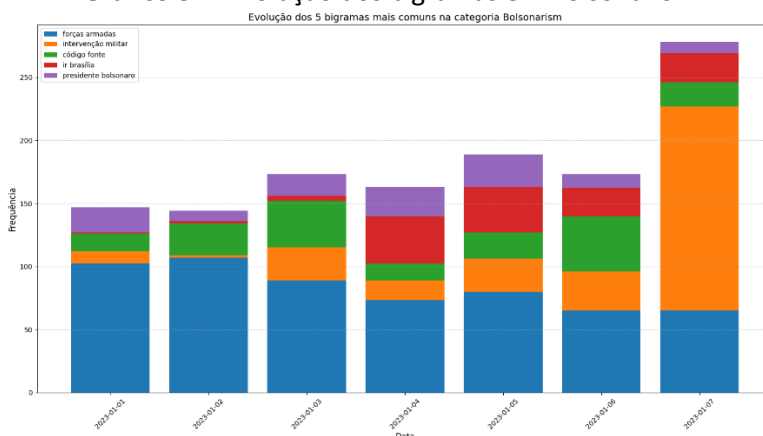


Fonte: elaboração da autora, 2025.

A análise do volume de mensagens por categoria, representada no gráfico 2, portanto, ajuda a entender *quando* os discursos se intensificam. No entanto, para compreender *como* esses discursos se articulam e ganham força, é essencial observar o conteúdo textual das mensagens. Nesse sentido, a extração de bigramas, pares de palavras que ocorrem com

frequência juntas, oferece pistas relevantes sobre os temas centrais e os sentidos produzidos dentro de cada categoria. O gráfico 3, que mostra a categoria *Bolsonarism*, é particularmente revelador. O termo “forças armadas” aparece de forma consistente entre os bigramas mais frequentes, junto a expressões como “intervenção militar”, “código fonte”, “ir Brasília” e “presidente Bolsonaro”. Esse padrão indica que, até os dias que antecederam os ataques de 8 de janeiro, os grupos bolsonaristas mantinham viva a expectativa de um desfecho que favorecesse sua agenda, acreditando que os militares teriam um papel central na possível reversão do resultado das eleições.

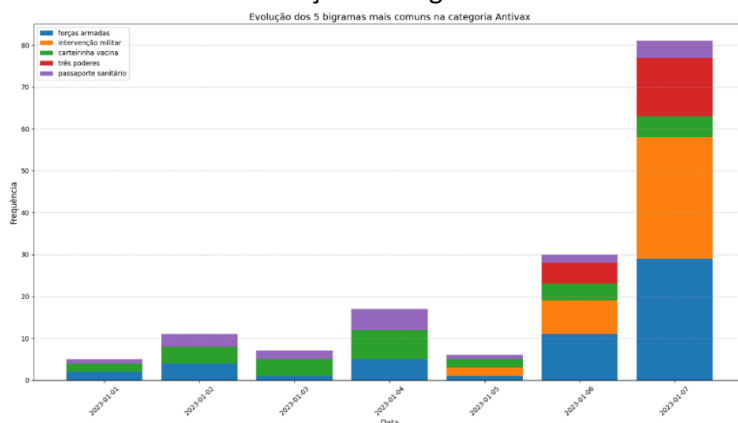
Gráfico 3 – Evolução dos bigramas em Bolsonarism



Fonte: elaboração da autora, 2025.

Nos grupos da categoria *Antivax*, representados pelo gráfico 4, a retórica da intervenção militar foi incorporada de forma gradual, ganhando força nos dias que antecederam o 8 de janeiro. Isso mostra como pautas inicialmente voltadas à saúde pública foram absorvidas pela narrativa golpista. A convergência com discursos bolsonaristas indica a capacidade de mobilização cruzada entre comunidades conspiratórias distintas, reforçando o caráter interconectado do ecossistema digital da extrema direita.

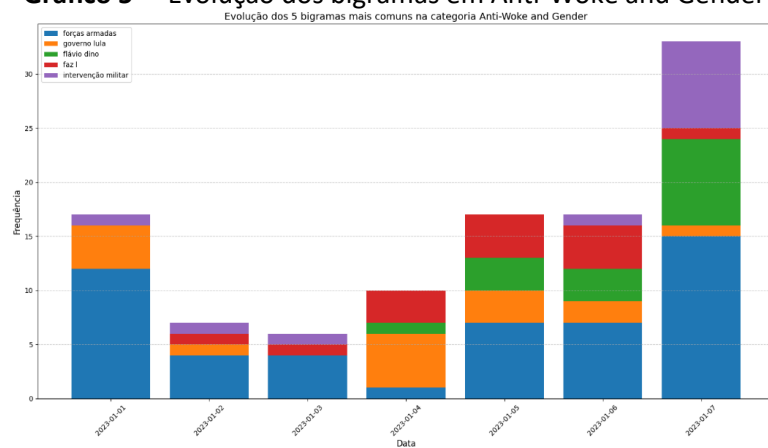
Gráfico 4 – Evolução dos bigramas em Antivax



Fonte: elaboração da autora, 2025.

Anti-woke and Gender, representado pelo gráfico 5, também incorporou a retórica golpista, com a presença crescente de bigramas como “forças armadas” e “intervenção militar”. Além disso, surgem expressões como “faz o L” e “Flávio Dino”, marcando a intensificação do discurso de oposição ao governo Lula. Dino torna-se figura central nas críticas, simbolizando a repressão às manifestações bolsonaristas. Esses elementos mostram como a resistência ao novo governo foi adaptada ao repertório desses grupos.

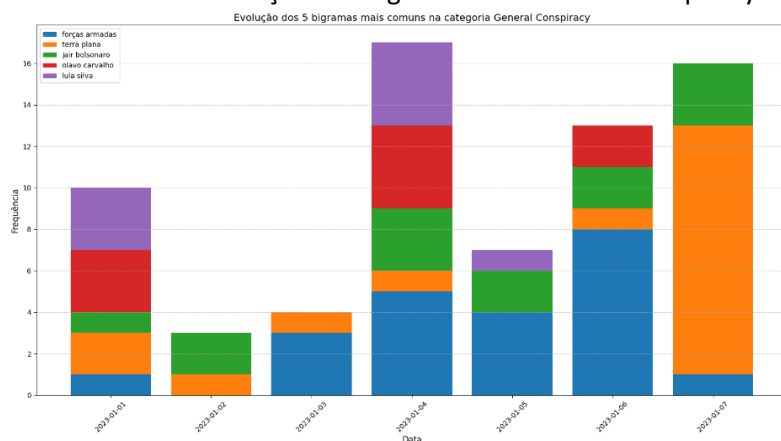
Gráfico 5 – Evolução dos bigramas em Anti-Woke and Gender



Fonte: elaboração da autora, 2025.

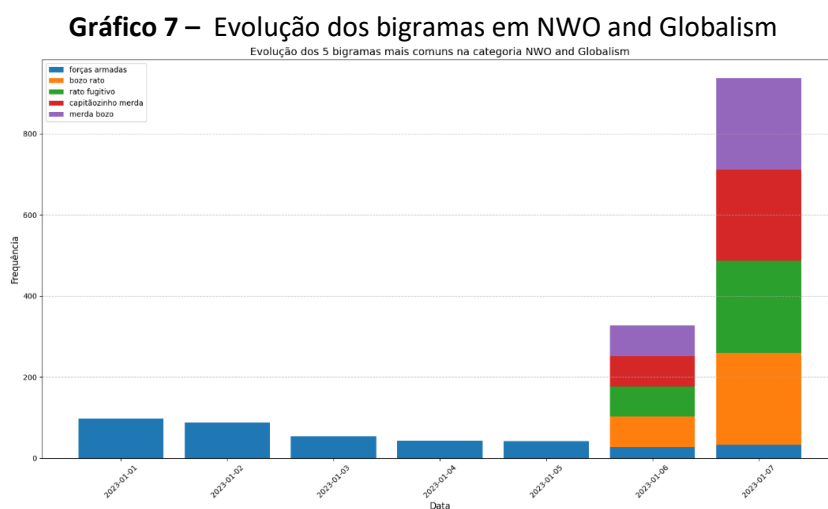
Em *General Conspiracy*, representado pelo gráfico 6, mesmo voltado a teorias como terraplanismo, a categoria também absorveu o discurso da intervenção militar. Bigramas como “forças armadas”, “Lula Silva” e “Jair Bolsonaro” se destacam, evidenciando o cruzamento entre teorias conspiratórias e a crise política nacional. A presença de “Olavo Carvalho” confirma a influência contínua de seu pensamento, funcionando como base ideológica para justificar a rejeição ao governo e a crença em uma ruptura institucional.

Gráfico 6 – Evolução dos bigramas em General Conspiracy



Fonte: elaboração da autora, 2025

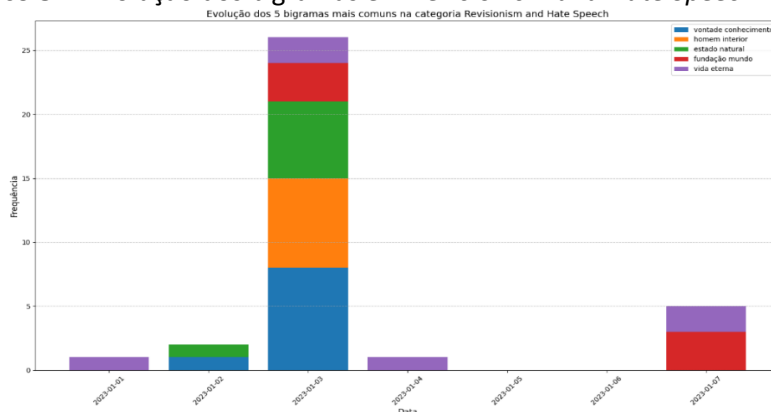
Em NWO and Globalism, representado pelo gráfico 7, uma surpresa. Nessa categoria, a narrativa militarista também está presente, com “forças armadas” aparecendo de forma constante. No entanto, há uma virada discursiva nos dias próximos ao 8 de janeiro: Bolsonaro passa a ser alvo de críticas com o uso de termos como “Bozo”, “rato” e “fugitivo”. Essa mudança reflete a frustração de parte da base conspiratória com sua saída do Brasil em 30 de dezembro, interpretada como abandono da causa.



Fonte: elaboração da autora, 2025.

E, por último, Revisionism and Hate Speech, representado pelo gráfico 8. Diferente das demais, essa categoria não se envolveu diretamente com a narrativa golpista. Os bigramas mais frequentes são de cunho filosófico, religioso e esotérico, como “vontade conhecimento”, “vida eterna” e “estado natural”. Isso indica que, apesar do ambiente de radicalização, grupos neonazistas e supremacistas mantiveram seus próprios focos discursivos, desconectados da conjuntura política imediata.

Gráfico 8 – Evolução dos bigramas em *Revisionism and Hate Speech*



Fonte: elaboração da autora, 2025.

A análise dos bigramas revela que a retórica em defesa de uma intervenção militar esteve fortemente presente na maioria dos grupos estudados, demonstrando que o discurso bolsonarista foi além de seus círculos mais engajados e se difundiu por outras comunidades conspiratórias. Das seis categorias analisadas, cinco mostraram algum nível de adesão à narrativa de contestação das eleições e à expectativa de uma ruptura institucional. A repetição frequente do termo *forças armadas* em contextos diversos demonstra como a militarização do discurso se consolidou como um traço comum da mobilização digital pró-Bolsonaro. Em alguns casos, os pedidos por intervenção eram diretos; em outros, surgiam de forma integrada a pautas antivacina, *anti-woke* ou globalistas, sinalizando a existência de um repertório discursivo compartilhado que unia esses grupos em um cenário de radicalização crescente.

4 CONCLUSÃO

A análise dos dados revela um ecossistema digital articulado, onde discursos conspiratórios se reforçam e impulsionam à ação. Apesar das diferentes categorias, os grupos compartilham a ideia de que o sistema democrático está corrompido. Essa percepção é alimentada por desinformação constante. Quando figuras de autoridade validam essas crenças e sugerem ação, essas redes digitais se ativam e rompem a barreira entre o virtual e o real. Ambientes digitais não são espaços neutros: são arenas de disputa simbólica e política. É neles que se fragiliza a legitimidade das instituições democráticas. O caso do Telegram é emblemático: os ataques de 8 de janeiro foram precedidos por articulação logística, listas de apoio e instruções explícitas de ação, tudo circulando em grupos públicos.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

A tentativa de golpe de 8 de janeiro foi o maior ataque à democracia brasileira desde 1964. Hoje, não são mais necessários tanques nas ruas. A desestabilização começa em grupos, memes e mensagens que se espalham por plataformas moldadas pelo engajamento. Esse cenário exige resposta urgente. A regulação das plataformas digitais deve ser encarada como medida essencial para a preservação da democracia. A liberdade de expressão só se sustenta em ambientes onde a integridade da informação e da convivência social também são garantidas. O Brasil esteve perto de repetir os erros do passado. Impedir que isso aconteça novamente depende de vigilância constante, ação institucional firme e compromisso coletivo com a verdade. A democracia não desaparece de repente. Ela se perde aos poucos, toda vez que os sinais são ignorados.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela; MISCHÉ, Ann. Changing repertoires and partisan ambivalence in the new Brazilian protests. **Bulletin of Latin American Research**, [s. l.], v. 35, n. 2, p. 239-255, 2016. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1111/blar.12470>. Acesso em: 12 jun. 2023.

BENKLER, Yochai; FARIS, Robert; ROBERT, Hal. **Network propaganda: manipulation, disinformation, and radicalization**. New York: Oxford University Press, 2018.

BEZERRA, Arthur Coelho. **Miséria da informação: dilemas éticos da era digital**. Rio de Janeiro: Garamond, 2024.

BIRD, Steven; KLEIN, Ewan; LOPER, Edward. **Natural language processing with Python**. 1. ed. Sebastopol: O'Reilly Media, 2009.

BRAMAN, Sandra. **Change of state: information, policy and power**. Cambridge: MIT Press, 2006.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Polícia Federal. Diretoria de Inteligência Policial. Coordenação-Geral de Contraineligência. **Relatório n. 4.546.344/2024**. Processo judicial n.: Pet. 12.100/DF – Inq. n. 4.874/DF. Brasília, 2024. Disponível em: <https://noticias-stf-wp-prd.s3.sa-east-1.amazonaws.com/wp-content/uploads/wpallimport/uploads/2024/11/26160436/Relatorio-Final-PF-Site-2024-1.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2025.

BRISOLA, Anna; BEZERRA, Arthur Coelho. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: ANCIB, 2018. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIXENANCIB/xixenancib/paper/view/1219>. Acesso em: 10 ago. 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

CASARÕES, Guilherme; MAGALHÃES, David. The hydroxychloroquine alliance: how far-right leaders and alt-science preachers came together to promote a miracle drug. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1, p. 183-203, 2021. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-761220200556>. Acesso em: 12 jun. 2023.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso**: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

DUNT, Ian. **Brexit**: what the hell happens now? London: Canbury Press, 2016.

FUKS, Mario; RIBEIRO, Ednaldo; BORBA, Julian. From antipetismo to generalized antipartisanship: the impact of rejection of political parties on the 2018. **Brazilian Political Science Review**, São Paulo, v. 15, n. 1, 2021. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-3821202100010003>. Acesso em: 12 jun. 2023.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Para uma reflexão epistemológica acerca da ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23349>. Acesso em: 8 maio 2025.

GOVERS, Jarod; FELDMAN, Philip G.; DANT, Aaron; PATROS, Panos. Down the rabbit hole: detecting online extremism, radicalisation, and politicised hate speech. **ACM Computing Surveys**, New York, v. 55, n. 14s, p. 1-35, jul./dez. 2023. Art. 319. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1145/3583067>. Acesso em: 25 maio 2025.

GRUS, Joel. **Data science do zero**: noções fundamentais com Python. Tradução de Wellington Nascimento. 2. ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2021.

NOBRE, Marcos. **Limites da democracia**: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro. São Paulo: Todavia, 2022.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior**: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta, 2019.

RAMONET, Ignacio. **La era del conspiracionismo**. Buenos Aires: Siglo Veinteuno Editores, 2022.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe; VINHAS, Otávio. Discursive strategies for disinformation on WhatsApp and Twitter during the 2018 Brazilian presidential election. **First Monday**, [s. l.], v. 26, n. 1, 2020. DOI: 10.5210/fm.v26i1.10551. Disponível em: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/10551>. Acesso em: 21 jan. 2025.

REGO, Ana Regina. **A seta do tempo**: plataformas, inteligência artificial e desinformação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

ROCHA, Camila; SOLANO, Esther; MEDEIROS, Jonas. **The Bolsonaro paradox**: the public sphere and right-wing counterpublicity in contemporary Brazil. Cham: Springer, 2021.
SCHNEIDER, Marco. **A era da desinformação**: pós-verdade, fake news e outras armadilhas. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

SILVA, Ergon Cugler de Moraes. **TelegramScrap**: a comprehensive tool for scraping Telegram data. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2412.16786>. Acesso em: 05 fev. 2025.

TUKEY, John W. **Exploratory data analysis**. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley Publishing Company, 1977.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME (UNDP). **Information integrity**: forging a pathway to truth, resilience and trust. New York: UNDP, 2022. Disponível em: <https://www.undp.org/publications/information-integrity-forging-pathway-truth-resilience-and-trust>. Acesso em: 9 out. 2025.

VARGAS, Andressa Giroto; RABELO, Augusto Henrique Alves; COSTA, Diego Vasconcelos; MACIEL, Fernando de Mattos; GONÇALINHO, Gustavo; CARVALHO, Lucas Borges de; FAVERO, Sabrina Fernandes Maciel. **Guia orientativo**: tratamento de dados pessoais para fins acadêmicos e para a realização de estudos e pesquisas. Brasília, DF: ANPD, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/anpd/pt-br/centrais-de-conteudo/materiais-educativos-e-publicacoes/web-guia-anpd-tratamento-de-dados-para-fins-academicos.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2025.

WICKHAM, Hadley; GROLEMUND, Garrett. **R for data science**. São Paulo: Alta Books Editora, 2019.

WYLIE, Christopher. **Mindfck**: Cambridge Analytica and the plot to break America. New York: Random House, 2019.

ZUBOFF, Shoshana. **The age of surveillance capitalism**: the fight for a human future at the new frontier of power. New York: Public Affairs, 2019.